

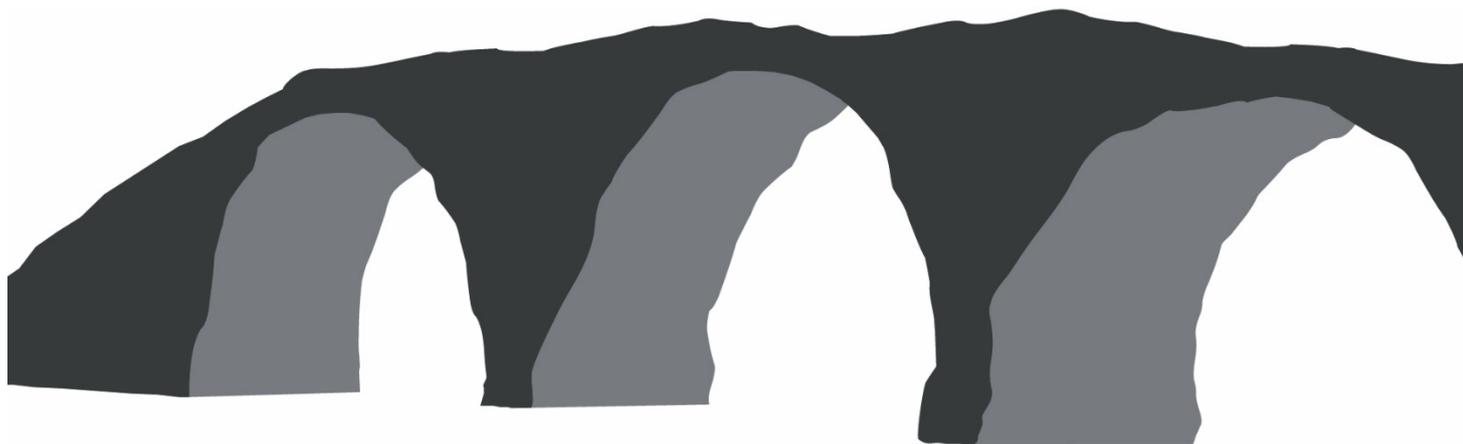
VESTÍGIOS – Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica
Volume 16 | Número 2 | Julho – Dezembro 2022
ISSN 1981-5875
ISSN (online) 2316-9699

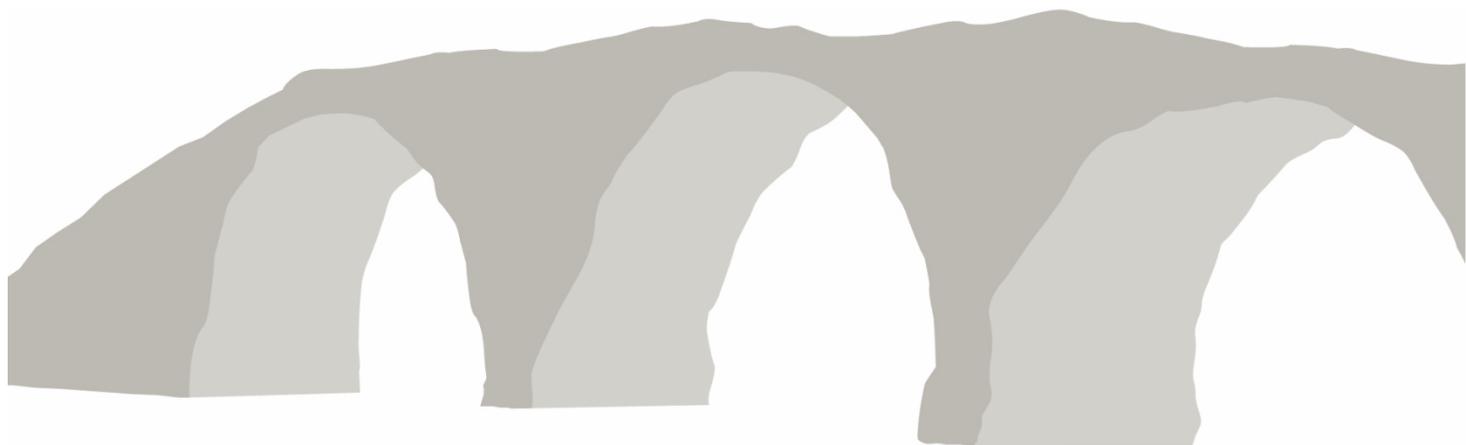
**CACHIMBOS DE BARRO NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE GALEÃO:
ACHADOS ARQUEOLÓGICOS PARA PENSAR A DIÁSPORA AFRICANA**

**UBERÍAS DE ARCILLA DE LA COMUNIDAD QUILOMBOLA DE GALEÃO:
HALLAZGOS ARQUEOLÓGICOS PARA PENSAR EM LA DIÁSPORA
AFRICANA**

**CLAY PIPES FROM THE GALEÃO QUILOMBOLA'S COMMUNITY:
ARCHAEOLOGICAL FINDS TO THINK ABOUT THE AFRICAN DIASPORA**

Fabio Guaraldo Almeida





Submetido em 14/01/2022.

Aceito em: 24/02/2022.

Publicado em 27/07/2022.

**CACHIMBOS DE BARRO NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE GALEÃO:
ACHADOS ARQUEOLÓGICOS PARA PENSAR A DIÁSPORA AFRICANA**

**UBERÍAS DE ARCILLA DE LA COMUNIDAD QUILOMBOLA DE GALEÃO:
HALLAZGOS ARQUEOLÓGICOS PARA PENSAR EM LA DIÁSPORA
AFRICANA**

**CLAY PIPES FROM THE GALEÃO QUILOMBOLA'S COMMUNITY:
ARCHAEOLOGICAL FINDS TO THINK ABOUT THE AFRICAN DIASPORA**

Fabio Guaraldo Almeida¹

RESUMO

A partir de uma análise arqueológica, o presente artigo apresenta os motivos decorados dos cachimbos de barro encontrados na comunidade quilombola de Galeão, localizada na ilha de Tinharé, município de Cairu, no estado da Bahia. Característicos pela morfologia abaulada no forninho e porta-boquilha, estes objetos arqueológicos são recorrentes no litoral do baixo sul baiano, em Salvador e em regiões do Brasil central, associados a produção e uso dos africanos e afrodescendentes. Ao explorar interpretações sobre a regra que estrutura a lógica decorativa inciso e/ou pontilhado nesses objetos, este artigo busca entender e valorizar as formas de autonomia com que os africanos e seus descendentes utilizaram para criar, produzir, consumir e sociabilizar suas identidades simbólicas no novo mundo.

Palavras-chave: identidade simbólica, cachimbos abaulados, arqueologia da diáspora africana.

¹ Doutor e Mestre em Arqueologia pelo MAE/USP e Cientista Social pela FFLCH/USP. Pesquisador colaborador do Laboratório de Estudos Interdisciplinares sobre Tecnologia e Território (LINTT-MAE-USP). E-mail: fabio guaraldoalmeida@gmail.com.

RESUMEN

A partir de un análisis arqueológico, este artículo presenta los motivos decorados de pipas de barro arqueológicas encontradas en la comunidad quilombola de Galeão, ubicada en la isla de Tinharé, municipio de Cairu, en el estado de Bahía. Característicos por la morfología abovedada del cuenco y portaboquillas, estos objetos son recurrentes en la costa del bajo sur baiano, en Salvador y en regiones del centro de Brasil, asociados a la producción y uso de africanos y afrodescendientes. Al explorar interpretaciones de la regla que estructura la lógica decorativa incisa y/o punteada en estos objetos, este artículo busca comprender y valorar las formas de autonomía con las que los africanos y sus descendientes creaban, producían, consumían y socializaban sus identidades simbólicas en el nuevo mundo.

Palabras clave: identidades simbólicas, caños abovedados, arqueología de la diáspora africana.

ABSTRACT

From an archaeological analysis, this article presents the decorated motifs of archaeological clay pipes found in the quilombola community of Galeão, located on the island of Tinharé, municipality of Cairu, in the state of Bahia. Characteristic for the domed morphology in the bowl and in the stub stem, these objects are recurrent in the lower south, in Salvador and in regions of central Brazil, associated with the production and use of Africans and Afro-descendants. By exploring interpretations of the rule that structures the incised and/or dotted decorative logic in these objects, this article seeks to understand and value the forms of autonomy with which Africans and their descendants used to create, produce, consume and socialize their symbolic identities in the new world.

Keywords: symbolic identities, domed pipes, archeology of the African diaspora.

“A dona da cabana em que me alojei era uma mulher loquaz e jovial, de tez descorada, vestida muito ligeiramente e trazendo à boca um cachimbo, como a maioria das mulheres das classes baixas do Brasil. (...) Os cachimbos usados pelos pescadores, comum em todo o Brasil, particularmente pelos negros e outras pessoas das classes mais humildes, constam de um pequeno recipiente de barro cozido escuro e de um tubo fino e liso, feito da haste de uma espécie de planta, que cresce a considerável altura”. (Maximiliano, 1940, p. 94).

O relato acima foi feito pelo Príncipe da região da Renânia (região oeste da Alemanha), Maximiliano zu Wied Neuwied, durante sua viagem pelo litoral do estado do Rio de Janeiro, no início do século XIX, porém, confunde-se facilmente com a realidade do litoral baiano, próximo ao Recôncavo, onde as fazendas de fumo eram mais abundantes na época. O fumo produzido na Bahia foi responsável pela manutenção da rota comercial entre o litoral baiano e a Costa das Minas, durante o século XVIII e início do século XIX (Alencastro, 2000; Barickman, 2003; Schwartz, 1988; Verge, 1987).

Segundo Jerome Handler (2008), o tabaco foi levado para à África pelos europeus bem no início do século XVII. Em Serra Leal já se cultivava a planta em 1607 e no Reino do Congo era usada pelos soldados na mesma época (Handler, 2008, p. 1). Logo após ser introduzido, o produto exótico tornou-se desejo comum entre os africanos. Atento ao fenômeno, os europeus passaram a trocar o tabaco produzido na Bahia por escravos. Os traficantes comercializavam os fumos de melhor qualidade com a elite local e distribuíam os de menor qualidade aos escravizados dentro dos tumbeiros (denominado pelos franceses de “tabaco de cantina”), para aliviar o forte odor que enfastava os porões dos tumbeiros e para conter algumas enfermidades (usando as propriedades medicinais da planta, conforme aprendido com os nativos americanos). Da mesma forma, a folha servia para ser mastigada, adiando a fome e economizando a distribuição dos alimentos à tripulação (Handler, 2008, p. 1).

Handler (2008) chama atenção para as distinções tanto no tipo de fumo comercializado na costa africana, quanto também nos tipos de cachimbos que eram utilizados para o comércio e o consumo entre os escravizados. Em uma relação de 15 listas de cargas de navios negreiros holandeses do século XVIII, oito apresentaram tabaco e cachimbos destinados aos escravos, sendo os últimos diferenciados entre cachimbos longos (*lange pijpen*) e cachimbos curtos (*korte pijpen*). Outro registro de carga de navio dinamarquês do mesmo período é mais específico sobre a finalidade da distinção morfológica das peças. A descrição da carga incluía “30 dúzias de ‘cachimbos longos’ e 90 dúzias de ‘cachimbos de escravos’, o primeiro de maior valor monetário que o último” (Handler, 2008, p. 4-5).

No Brasil, alguns contextos arqueológicos bem definidos auxiliam a diferenciar padrões morfológicos e tecnológicos entre os cachimbos utilizados por europeus, africanos e indígenas². O presente artigo tem por objetivo apresentar a análise dos cachimbos arqueológicos encontrados na comunidade quilombola de Galeão, os quais são uma amostra típica dos cachimbos de barro “curtos”, conforme os modelos descritos nas listas de mercadorias dos navios negreiros e relatado por Maximiliano como sendo artigos usados por africanas no novo mundo.

² A bibliografia que trabalha com cachimbos no Brasil é vasta. Para citar alguns estudos consultados para elaboração deste artigo, ver sobre distintos cachimbos, principalmente indígenas: Morales (1999); Guidon (2004); Soares & Aquino (2004). Para cachimbos europeus ver: Bradley & Deangelo (1981); Hissa & Lima (2017); Hissa (2018). Para os cachimbos africanos no Brasil ver: Agostini (1997; 1998b); (Symanki, 2006); (Bornal, 2008); Souza & Agostini (2012); Coelho (2012); Gaspar (2012); Garcia (2014), entre outros.

Diversos fragmentos do período colonial e pós afloram no solo da vila e das fazendas de Galeão, entre eles, os cachimbos “curtos” feitos de barro se destacam por serem objetos disseminados entre os africanos e a população menos abastada. Como um objeto portátil, o cachimbo adquire uma conotação personalizada de seu dono, tornando-se um suporte privilegiado para analisar agências subjetivas e suas influências na coletividade. Neste sentido, os padrões morfológicos e motivos decorativos a eles relacionados, podem ser uma direção para pensar a sociabilização africana na diáspora (Agostini, 1998). Assim, ao explorar interpretações sobre suas origens, arranjos e significados relacionados à ancestralidade africana, este artigo busca entender e valorizar as formas de autonomia as quais os africanos e seus descendentes utilizaram para criar, produzir, consumir e sociabilizar suas realidades próprias no Brasil.

Desde o ano de 2007, a comunidade de Galeão é auto reconhecida como remanescente de quilombo através da Carta de autorreconhecimento encaminhada à Fundação Cultural Palmares. Na ocasião, a Associação de Moradores de Galeão – AMEGA – foi formada sob a liderança de algumas pessoas. No entanto, “a comunidade é formada por moradores heterogêneos, dos quais nem todos têm conhecimento do que significa ser autorreconhecido quilombola”³. Uma vez que a identidade racial é resultado de um contexto socialmente construído (Munanga, 2004; Orser Jr, 2005), a identidade quilombola na comunidade de Galeão é um processo em constante negociação, envolvendo perspectivas que enfatizam relacionamentos, histórias, interesses e poder (Agbe-Davies, 2010). Desta forma, o presente artigo procura contribuir com esse processo ao investigar os povos de matriz africana que habitaram o antigo povoado e deixaram materiais arqueológicos, a partir dos quais podemos inferir sobre as formas como eles (re)existiram no local e (re)significaram suas identidades.

Vale salientar que este artigo é uma parte da pesquisa de doutorado do autor, desenvolvida junto com membros da comunidade quilombola de Galeão, para pensar sobre a história e relação de pertencimento da população local com sua paisagem e ancestralidade. A tese foi defendida no Programa de Pós-graduação em Arqueologia do MAE/USP.

A HISTÓRIA DO POVOADO DE GALEÃO E DA COMUNIDADE QUILOMBOLA

A comunidade quilombola de Galeão está localizada na ilha de Tinharé, no litoral do baixo sul baiano (ao norte da cidade de Ilhéus e sul do Recôncavo baiano). A ilha faz parte do arquipélago costeiro que forma um ambiente de estuário, com canais internos e rios de água salobras, compondo um rico ecossistema. O arquipélago abrange todo o município de Cairu, o único município-arquipélago do país, formado por 26 ilhas sendo apenas três delas habitadas: Tinharé (a maior), Boipeba (ao sul) e a ilha sede (a menor). Galeão é um distrito do município de Cairu, situado na contracosta da ilha de Tinharé, de frente para a foz do rio Uma, localizado no continente.

A comunidade ocupa a área de um antigo povoado formado no primeiro quartel do século XVII, por sesmarias doadas pelos governadores aos colonos portugueses (Jaboatam, 1858-62, p. 95). Na ocasião, a intenção dos lusitanos era defender o estuário dos ataques holandeses de outros corsários que aportavam no local. Portanto, construíram uma igreja estrategicamente localizada no topo de um outeiro, com ampla vista

³ Fala de Sílvio Campos em entrevista relatada no artigo “Arqueologia, comunidade, ancestralidade e outros assuntos para pensar a identidade quilombola”. Ver na bibliografia Guaraldo Almeida, Pedrosa & Campos, 2020.

para a entrada do estuário e para as terras baixas do continente, que margeiam o rio Una. Os lavradores formaram um povoado no entorno de onde estavam protegidos dos corsários e dos ataques indígenas. A igreja construída em homenagem a São Francisco Xavier permanece vistosa no outeiro, exibindo sua arquitetura militar das igrejas-fortes quinhentistas e seiscentistas, com poucas envasaduras e paredes espessas feitas de pedra e cal (Mori *et al.*, 2016).

Após dominarem a região, os colonos das vilas de Cairu e Boipeba lucraram com a exportação de madeira para Lisboa a pedido do Rei de Portugal, no século XVIII (Vilhena, 1969, p. 495). A intensificação da atividade madeireira neste período rivalizou os espaços, recursos naturais e mão-de-obra com a agricultura em expansão, provocando a escassez das matas e imprimindo rigorosa transformação na paisagem (Dias, 2016a, p. 74). A derrubada das matas ampliou as áreas de antigas fazendas coloniais e abriu novas nas ilhas do arquipélago e terras continentais próximas. Alguns portos antigos foram aproveitados e possibilitaram alargar as áreas de plantação adjacente, expandindo seus domínios. Os colonos aproveitaram a derrubada das matas para instalar ranchos, construir portos e levantar novas sedes de fazendas. Amparados nas novas áreas de plantio e pujança do capital com a exportação da madeira, novas culturas foram introduzidas para somarem às lavouras de mandioca, como o arroz, o milho, o café, feijão, cacau, canela e legumes, além do contínuo extrativismo da piaçava, do coquilho e do murici, para atender as demandas tanto de Salvador, como do comércio com outras províncias da Colônia. (Dias, 2007).

Os lavradores de Galeão acompanharam a capitalização do município e diversificaram suas produções agrícolas. No final do século XVIII e início do século seguinte, o povoado era o mais populoso da ilha de Tinharé, contando com um arraial formado por dezenas de pequenos proprietários rurais, todos dependentes dos trabalhos dos africanos escravizados e dos agregados. Na década de 1830, o arraial de Galeão era habitado por cerca de vinte proprietários com mais de 120 escravizados, além de tantos outros agregados e pessoas livres empregadas em jornadas de trabalho. Além do trabalho nas lavouras, as pessoas eram empregadas nas dezenas de estaleiros, na extração de madeiras e construção de tábuas, no extrativismo de coquilho e piaçava⁴, e nos trabalhos diários de pesca, produção de farinha, atividades domésticas e transporte de pessoas e mercadorias. Pelos dados, estima-se que a população do arraial de Galeão era em torno de 250 pessoas (considerando uma média de quatro pessoas por família e mais três agregados por proprietário), habitando uma extensão de menos de 7 quilômetros ao longo do canal que separa a ilha do continente.

Provavelmente, o povoado abrigava mais pessoas do que o arraial, algo em torno de 500 habitantes. Estes valores são compatíveis com o senso do final do século XVIII, quando o “presídio do Morro e Galeão” juntos contavam com “1.300 almas” (Dias, 2007, p. 256-257). Destas, cerca de 50% viviam na condição de escravizados, mas a porcentagem de africanos e afrodescendentes era ainda maior. De acordo com o “Mapa da população e fogos da Comarca de Valença”, em 1849, cerca de 65% dos habitantes de Cairu eram pardos ou pretos e apenas 35% eram brancos. Vale lembrar que estes dados não consideram a população clandestina, que vivia nos “vários quilombos [que] existem nestas matas” da ilha de Tinharé⁵.

Consta que assentamentos clandestinos existiram no interior da ilha, onde o acesso era restrito à população trabalhadora: cativos, forros, livres, agregados e jornaleiros, além dos fugidos da escravidão. Lugares de difícil

⁴ Carta do Juiz de Paz, Dr. José de Souza Vieira, endereçada ao Presidente da Província, para justificar as razões que levaram o primeiro a estabelecer duas rondas de guardas no distrito de Galeão. APEB, Seção de arquivos Colonial/ Provincial, Série Judiciário. Maço 2626, Correspondências de Juizes, Valença (1827/1833) (30 de julho de 1832).

⁵ Idem anterior. APEB, Seção de arquivos Colonial/ Provincial, Série Judiciário. Maço 2626, Correspondências de Juizes, Valença (1827/1833) (30 de julho de 1832).

acesso no interior da ilha eram desconhecidos da população branca-católica e sua localização e nomes não foram registrados pelos letrados. Entretanto, a atual população de Galeão conhece esses lugares pelas histórias dos antigos, as quais são apropriadas pelos mais jovens que trabalham na mata e frequentam os mesmos lugares para caçar, pescar, plantar e/ou fazer extrativismo.

Algumas anciãs nasceram e viveram a infância nesses lugares no interior da ilha. Elas compartilham com os demais moradores suas histórias e, assim, divulgam as toponímias. Segundo elas contam, muitas pessoas viviam lá, onde existiam três comunidades: Champrão, Iquirá e Cipó (Guaraldo Almeida, 2018, p. 56-58). Com o fim da escravidão, essas comunidades foram desfeitas. Ao longo da primeira metade do século XX, seus moradores se mudaram paulatinamente para próximos do antigo povoado de Galeão. Configuraram áreas de moradia nas antigas fazendas e, aos poucos formaram núcleos de moradia na periferia do antigo povoado. Essas pessoas enfrentaram um processo paulatino de aproximação, ocupação e resistência, quebrando entraves da estrutura racista que a sociedade brasileira impõe à formas de sociabilização e religiosidade da população negra (Guaraldo Almeida & Campos, 2020, p. 109).

Não se sabe ao certo por que a maioria da população branca abandonou o antigo povoado. Possivelmente, a mudança na relação de trabalho ocasionada após o fim da escravidão agravou a crise econômica que os proprietários já enfrentavam na região, obrigando-os a migrarem para as sedes dos municípios. Aos poucos, a população egressa da escravidão se juntou aos demais trabalhadores livres e forros e os bairros periféricos se expandiram em direção ao antigo povoado, na parte próxima à igreja de São Francisco Xavier. Atualmente, a comunidade de Galeão é reconhecida por suas raízes africana, reafirmadas nas festas, brincadeiras e nos terreiros de candomblé e umbanda, envolvendo pessoas de diferentes lugares, origens e histórias. Entretanto, para além dos bens intangíveis, existem objetos arqueológicos encontrados na comunidade que contribuem para materializar a ancestralidade africana de Galeão. Entre esses materiais, trataremos aqui dos cachimbos de barro encontrados no sítio Malhada.

A COLEÇÃO DE CACHIMBOS DE GALEÃO

Os cachimbos analisados neste artigo são provenientes de achados fortuitos em uma propriedade privada, denominada Malhada, localizada na baixa vertente do morro em cujo topo se encontra a igreja de São Francisco Xavier. O proprietário responsável pelos achados é o conselheiro tutelar, agente ambiental e historiador amador Sr. Sílvio Campos, nascido em 1972⁶. Ele relata que encontra diferentes objetos arqueológicos quando está fazendo roça ou reformando a casa e outras estruturas do terreno. Os objetos antigos aguçam sua curiosidade e ele os preserva para expor aos demais moradores, principalmente na escola, como material pedagógico.

No ano de 2018, Sílvio havia guardado um total de 164 peças entre objetos, objetos fragmentados e fragmentos de objetos. Com o intuito de saber mais sobre os objetos, uma parceria foi feita entre o morador de Galeão e o autor que aqui escreve para que os materiais fossem estudados e devolvidos à comunidade. Assim,

⁶ Para saber mais sobre a história dessa personalidade, ver na bibliografia: Guaraldo Almeida, Pedrosa & Campos, 2020.

as peças foram encaminhadas ao Laboratório de Estudos Interdisciplinares sobre Tecnologia e Territórios do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (LINTT/MAE/USP) para serem catalogadas e analisadas. Dois anos depois, o trabalho foi concluído e como resultado uma Coleção denominada Sílvia Campos foi criada, a qual, atualmente, encontra-se sob salvaguarda da própria comunidade quilombola de Galeão, sob responsabilidade do Sr. Sílvia Campos.

Ao todo, 33 cachimbos angulares compõem a Coleção Sílvia Campos, dos quais 32 são modelados e apenas um moldado. Segundo Sílvia, os 32 cachimbos modelados foram encontrados quando ele cavou um buraco na baixa vertente do terreno para construir um poço de peixes. Em sua lembrança, os cachimbos estavam todos juntos, apenas o cachimbo moldado estava em outra área do terreno, cerca de 25 metros ao sudeste, próximo a roça de milho, e foi encontrado quando ele estava cavando um poço de armazenamento d'água.

O único cachimbo moldado está fragmentado, com o forninho inteiro, incluindo o apêndice fragmentado na base e sem o porta-boquilha (Figura 1). Trata-se de uma peça com decorações em alto relevo de motivos barrocos em toda a superfície externa do forninho. A decoração é simétrica nos dois lados do fragmento e apresenta leve anomalia na parte principal e frontal do forninho. Os sinais revelam a técnica de confecção realizada com o mesmo molde nos dois lados.



Figura 1. Cachimbo moldado do sítio Malhada (Fonte: Coleção Sílvia Campos. Foto: Fabio Guaraldo, 2019).

A morfologia, decoração e técnica de produção dessa peça se assemelham com um modelo de cachimbo encontrado nas escavações da Praça da Sé, em Salvador, próximo ao antigo colégio dos Jesuítas (Barros, 2010, p. 63); e com outras peças encontradas na cidade de Santarém, no Pará, nas escavações da aldeia jesuíta (Barata, 1944; 1951; Symanski & Gomes, 2012). Tanto o modelo de Salvador quanto os de Santarém levam decoração em relevo também em ornamentação de estilização vegetal, com uma parte superior abaulada e decoração diferenciada da parte inferior do corpo do forninho. Frederick Barata atribui as características da ornamentação decorativa compatível ao modelo do barroco português, os quais acompanham os desenhos dos púlpitos das igrejas e capelas coloniais da cidade. Ele descreve a peça como resultado da interação entre indígenas e

inacianos, considerando que eram produzidos pelos primeiros sob influência dos padres. A datação remonta ao período do aldeamento jesuíta entre os séculos XVII e XVIII (Barata, 1944; 1951).

No caso do sítio Malhada, a ocorrência desse cachimbo como único exemplar do gênero, encontrado isolado dos demais, sugere que fumantes de diversas origens habitaram o sítio em diferentes períodos. Ainda que a documentação histórica não faça referência concreta à presença dos inacianos na ilha de Tinharé, a igreja de São Francisco Xavier e esse modelo de cachimbo aludem à presença dos padres da Companhia de Jesus, provavelmente no primeiro século de ocupação do sítio.

Já o restante dos cachimbos da coleção são todos modelados. Destes, um modelo se diferencia dos demais, pela morfologia, decoração e coloração (Figura 2). Trata-se de uma peça de coloração marrom escura (7.5 YR 4/2 ou 4/3, referência Mansell, 2000), com porta-boquilha e chaminé fragmentadas do lado esquerdo inferior. Mede 4,1 cm de comprimento, 2,3 cm de largura e pesa 15 gramas. Há presença de pedestal curto e corpo do forninho sem a borda. O porta-boquilha é pouco destacado, com lábio plano delimitado por uma incisão que corre paralela. Três incisões paralelas com espaçamento de 4 mm circundam o porta-boquilha e dividem duas partes decoradas: a primeira com incisões curtas e paralelas na horizontal; e a segunda com um acanalado próximo ao forninho. A decoração no corpo do forninho é feita por incisões verticais paralelas, como as presentes no porta-boquilha, mas em direção perpendicular, acompanhando a morfologia dessa parte da peça.



Figura 2. Cachimbo modelado marrom (Fonte: Coleção Sílvio Campos. Foto: Fabio Guaraldo Almeida, 2019).

Os outros 31 cachimbos possuem o mesmo padrão morfológico, com o forninho e porta-boquilha no formato globular e o corpo cilíndrico formando cotovelo, sem presença de pedúnculo e cuja haste de origem vegetal é destacável do porta-boquilha (Figura 3)⁷. A coloração varia entre três tonalidades: 28 peças são de

⁷ As categorias de classificação das partes estruturais da morfologia dos cachimbos foram adaptadas das seguintes referências bibliográficas: Becker & Schmitz (1969); Barros (2010, p. 18-19); Garcia (2014, p. 26); Paiva (2015, p. 86); Hissa (2018, p. 61).

coloração amarela-avermelhada (7,5YR: 7/6); duas possuem a coloração cinza (GLE Y1: 6/10Y); e uma tem coloração rosa esbranquiçado (10Y: 8/2). Todas apresentam uma pasta de argila porosa, com alto teor de areia e antiplástico mineral de diferentes tamanhos, esparsos ou pouco esparsos na composição da pasta. A face externa é alisada e a face interna da chaminé possui estrias que indicam uso de ferramenta para auxiliar na modelagem.

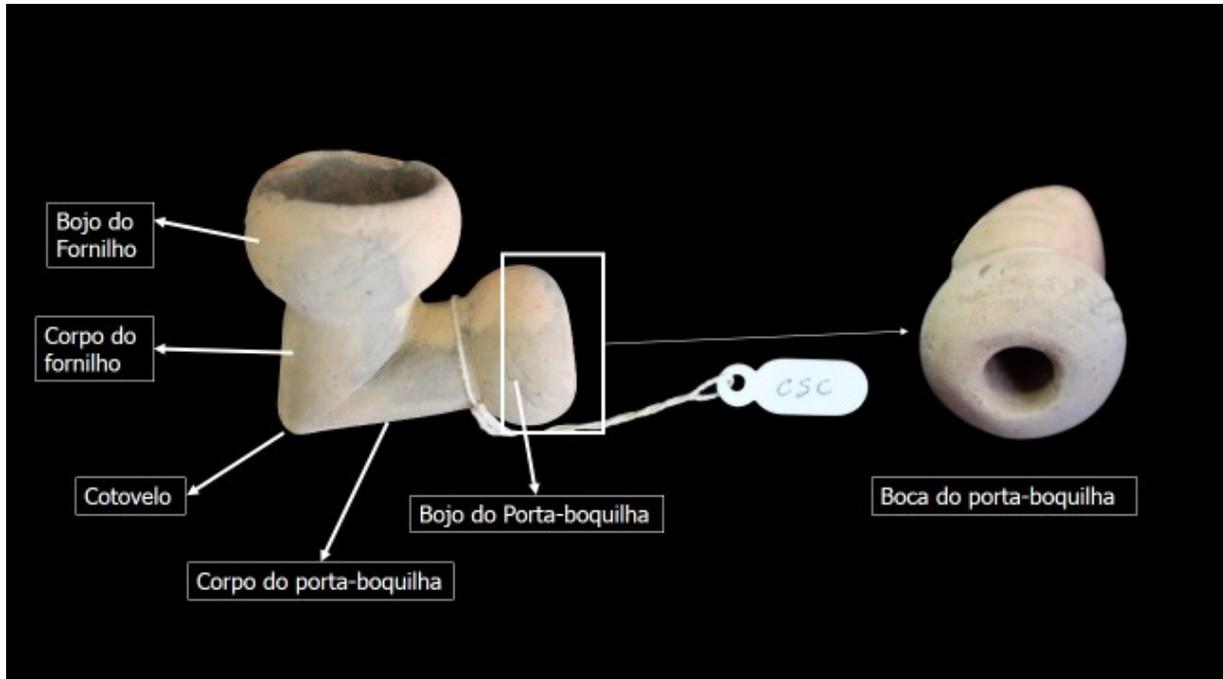


Figura 3. Modelo de cachimbo globular de barro (Fonte: Coleção Sílvia Campos. Foto: Fabio Guaraldo Almeida, 2019).

As medidas das peças variam com os porta-boquilhas de 3,5 a 5 cm e os forninhos entre 3 e 4,8 cm. As bocas dos porta-boquilhas são padronizadas com 1 cm de diâmetro, enquanto as bocas dos forninhos variam entre 2 e 2,5 cm de diâmetro. As peças inteiras da amostra pesam entre 15 e 40 gramas. A variação de tamanho e regularidade morfológica sugere que os cachimbos foram confeccionados por modelagem de artesã(o) ou artesãs(ões) especializadas(os). A regularidade da boca do porta-boquilha em cachimbos de diferentes tamanhos deixa claro que foi utilizada uma ferramenta para moldar a chaminé (possivelmente a própria haste também feita de piteira). Já os forninhos apresentam marcas de retirada do excesso da argila durante a etapa de modelar a parede do orifício com o barro ainda cru.

Nenhuma marca de junção foi identificada claramente. Porém, na maioria das peças, o ângulo do cotovelo recebe uma incisão decorativa e, em algumas delas, a ponta do cotovelo é tão acentuada que é possível identificar o gesto do artesão ao utilizar os dedos polegar e indicador para pressionar o corpo do porta-boquilha com o corpo do fornilho (ver objeto CSC 099 na Prancha 1). A museóloga Evania Barros entrevistou o único artesão que fabrica cachimbos em Maragogipinho⁸, Sr. Luiz Gonzaga de Souza, quem mostrou o modo como as peças são confeccionadas. Após a primeira modelagem, ele “faz um corte com um barbante, separando a massa modelada em duas partes, rapidamente juntando-as de modo a configurar o porta-boquilha ao fornilho

⁸ Maragogipinho é uma vila de artesãos conhecida internacionalmente pelos objetos de barro. Localiza-se no vale do Jaguaripe, município de Aratuípe, próximo a Cairu.

da peça” (Barros, 2010, p. 27). As evidências sugerem que a mesma técnica estava sendo utilizada na confecção dos cachimbos arqueológicos.

Outras marcas indicam que o artesão executava uma etapa de alisamento, com leve raspagem para retirar o excesso de argila na peça já modelada (ver detalhes das marcas nos objetos CSC104 e CSC105 e formato dos objetos CSC 106 e CSC 110 na Prancha 1). Por fim, o artesão imprimia os motivos decorativos com o barro ainda cru, conforme atesta o objeto 105 da Prancha 1, do qual uma ligeira depressão interferiu no traçado da decoração incisa. Provavelmente, a depressão ocorreu quando o artesão apoiou o objeto para secar em uma superfície irregular. Já a decoração segue o padrão de incisões e pontilhados, com variação de motivos segundo a adição e combinação desses elementos. A descrição pormenorizada da decoração será feita mais adiante.

CACHIMBOS ARQUEOLÓGICOS ABAULADOS NA REGIÃO

Cachimbos angulares com abaulados são encontrados exclusivamente no Brasil, típicos de contextos coloniais e pós-coloniais, recorrentes em sítios arqueológicos desde Salvador até o Brasil central. Em Goiás, cachimbos arqueológicos associados aos africanos foram evidenciados em Ouro Fino e na Casa de Fundação do Ouro de Goiás. Marcos Souza descreve o artefato da Casa de Fundação, com evidências de marcas étnicas. Segundo ele, alguns fragmentos de cachimbos apresentam um motivo em “X” composto por três sulcos cruzados na parte inferior e outro, de dimensão bem reduzida, formada por sulco único. Na figura cuja peça é apresentada pelo autor, aparece ainda o abaulado do cachimbo com um motivo formado por duas incisões paralelas com ponteados no meio (Souza, 2000, p. 83-85), igual aos modelos encontrados em Galeão.

Em Salvador, com as escavações arqueológicas realizadas no Pelourinho durante a 7ª Etapa do Projeto de Recuperação do Centro Histórico de Salvador, sob coordenação geral da arqueóloga Rosana Najjar, mais de 2 mil peças foram recuperadas, entre elas uma grande quantidade de contas e cachimbos. Especificamente os cachimbos foram classificados em seis tipos considerando a variedade de técnicas de manufaturas e morfologia. Entre os tipos classificados, encontra-se o modelo de cachimbo angular com abaulados nas duas extremidades, sem pedúnculo (Silvia, 2010, p. 265).

Ainda em Salvador, as pesquisas arqueológicas realizadas no Adro da Sé e no Pátio dos Estudos Gerais do Colégio dos Jesuítas, sob coordenação do arqueólogo Carlos Etchevarne, evidenciam que cerca de mil fragmentos de cachimbos foram encontrados. Entre eles, a maioria é o mesmo modelo morfológico, com os padrões decorativos daqueles encontrados em Galeão (Barros, 2010).

Na sede do município de Cairu, também, muitos cachimbos arqueológicos são encontrados por moradores que colecionam os artefatos. Eles comentam que os materiais afloram do solo nos quintais das antigas casas da sede do município, principalmente quando chove muito, ou quando cortam os matos e há revolvimento de terra.



Figura 4. Cachimbos de barro encontrados em Cairu (sede) (Fonte: Coleção encontrada na casa do Sr. Américo Marques. Foto: Cristina Astolfi Carvalho, 2018).

A predominância desse modelo entre os cachimbos arqueológicos encontrados na região de Cairu, como também em Salvador, chama atenção e sugere relações sociais semelhantes entre indivíduos nos dois contextos sociais. Da mesma forma, a técnica de decoração com incisões e/ou pontilhados reproduz motivos de fácil aplicação, com variações em torno dos mesmos elementos, fato que supõe ter sido símbolos compartilhados e representativos entre seus usuários, os quais não se limitavam em povos de origens únicas, mas identidades formadas no contexto político de regiões da África e na realidade social escravagista que esses povos encontraram ao serem introduzidos forçadamente no Brasil.

AS DECORAÇÕES INCISAS E PONTILHADAS ASSOCIADAS AOS AFRICANOS

Antes de analisar os motivos decorativos específicos dos cachimbos abaulados encontrados em Galeão, vamos entender sua ocorrência e distribuição segundo os dados conhecidos até o momento na literatura arqueológica. Um dos estudos pioneiros no Brasil a citar cachimbos com decorações incisadas foi da arqueóloga Tânia Andrade Lima. Ao analisar os cachimbos decorados de cerâmica da fazenda São Fernando, uma unidade de produção escravista de café do século XIX, situada no distrito de Massambará, município de Vaçouras (RJ), Lima levantou a hipótese desses objetos terem sido utilizados como símbolos de identidade étnica, configurando uma estratégia de resistência silenciosa. A autora sugeriu ainda que seus padrões decorativos eram representações das escarificações africanas, e que isto somente seria possível quando as amostras fossem

devidamente ampliadas (Lima *et al.*, 1993). Apesar da prenúncia, a pesquisadora não chegou a desenvolver e a comprovar tal hipótese.

Posteriormente, a arqueóloga e historiadora Camilla Agostini se debruçou sobre diferentes fontes históricas para mostrar como as escarificações foram registradas por vários viajantes, tanto na África quanto no Brasil, ora identificadas como marcas tribais de iniciação pessoais, ora representando um certo grupo comunitário. Em sua monografia, a autora relacionou os motivos decorativos presentes tanto nos cachimbos quanto nas painéis de barro com as escarificações faciais africanas, remetendo-os às identidades africanas reconstruídas na diáspora (Agostini, 1997). A partir do recorte da cultura material afrodiáspórica no Vale do Paraíba carioca do século XIX, a autora sugere que as referências identitárias das escarificações “não foram totalmente extintas no Brasil, apesar de terem sido direcionadas a novos usos” (Agostini, 1998, p. 125). Ainda segundo Agostini, os cachimbos usados como objetos do cotidiano no espaço público exibiam decorações inspiradas nas marcas identitárias africanas inacessíveis aos brancos pelas sutilezas simbólicas e particularidades de seus significados. A resistência silenciosa mencionada pela autora se configura nos cachimbos, então, por serem objetos que circulavam sem distinção aos olhos dos brancos, compreendidos como instrumentos subversivos utilizados para manter elementos simbólicos usados no cotidiano e para identificar e se comunicar com africanos e afrodescendentes, independente da nação (Op. Cit, p. 124).

Procurando entender as especificidades das decorações nos cachimbos e outros suportes materiais encontrados em contextos de maior concentração da população africana no Brasil, Souza e Agostini (2012, p. 105) apoiam-se nos estudos etnográficos realizados por Adepegba (1976) na Nigéria, nos quais o autor apresenta três tipos de marcas corporais recorrentes em todas as regiões da África. São elas: i) escarificações resultantes de variedades de cortes com cicatrizações abertas; ii) queloides, que são cortes cicatrizados com saliências fechadas; e iii) tatuagens que incluem cores. Em relação às marcas encontradas nos cachimbos, Souza e Agostini destacam as escarificações faciais dos africanos oriundos do território Yoruba, descritas por Samuel Johnson no final do século XIX, na cidade de Oyo, atual Nigéria (Souza & Agostini, 2012).

No entanto, Reis (2012) salienta que as informações do historiador yoruba devem ser vistas com parcialidade para não produzirem anacronismo, pois os registros etnográficos de Johnson retratam motivos faciais do final do século XIX, podendo não ser os mesmos do período do tráfico para a Bahia. Reis aponta a discordância existente entre a informação de Johnson e outro estudioso da história islâmica entre os Yorubas, o Professor T.G.O. Gbadamosi, da Universidade de Lagos, Nigéria. Segundo Reis, Gbadamosi afirma que o motivo *gombo* era utilizado pelos mulçumanos yorubas (Reis, 2012, p. 312).

Essas alternativas fazem sentido principalmente em Salvador e regiões próximas, onde houve a maior concentração no Brasil de africanos provenientes do território Yoruba, principalmente durante a primeira metade do século XIX, quando grupos de africanos identificados como nagôs criaram comunidades bem definidas, com linguagem e símbolos compartilhados. Esse fenômeno de homogeneização da identidade africana naquela região da Bahia teve início na África como resultado da expansão do Império Oyo. No começo do século XIX, o Império Oyo havia promovido um processo de homogeneização dos diferentes povos que pertenciam a grupos étnicos múltiplos e opostos (Ojo, 2008). O historiador Olatunji Ojo (2008) aponta que as escarificações faciais possuíam importante papel simbólico na manipulação da nova identidade que estava sendo criada. Com o fim do Império Oyo e a Guerra muçulmana (Jihad) contra os inimigos do Islã, houve um momento de ressurgimento dos adeptos das escarificações como símbolo de identidade entre mulçumanos e não mulçumanos (Ojo, 2008, p. 372).

Na Bahia, os principais líderes da Revolta dos Malês têm suas escarificações descritas nos processos criminais desta tentativa de revolução promovida pelos africanos mulçumanos. Um deles, o nagô conhecido pelo nome mulçumano Ahuna, é apresentado com quatro traços em cada lado do rosto “em direitura aos cantos da boca” (Reis, 2012, p. 284). Outro líder identificado com escarificações no rosto foi o africano denominado Pacífico Lincutan, quem possuía “sinais perpendiculares, outros transversais na cara” (Reis, 2012, p. 287). Assim também, durante todo o século XIX, anúncios de senhores à procura de seus escravizados africanos fugidos utilizavam as escarificações para identificar os africanos. Na região de Valença, ao lado de Galeão, o africano da nação Nagô, de nome português Sebastião, foi preso por ser “escravo fugido” da cidade de Brotas, no ano de 1840. Ele é descrito como jovem de 20 anos com marcas no braço esquerdo “que parece ser signal de sua terra” (Santos, 2016, p. 74). No mesmo ano foi presa uma mulher da nação Nagô, descrita como sendo “alta, magra, um tanto fula”, com “muitos signaes de sua terra no rosto” (Op. Cit., p. 83). Um ano depois outros dois africanos que estavam fugidos “há muito tempo” foram presos e identificados: um como angolano, apresentando “signal de sua terra no peito direito”, e outro, cassange “com um sinal de sua terra no braço direito” (Op. Cit., p. 75).

Essas marcas corporais vêm sendo associadas às decorações dos cachimbos de cerâmica presentes em diferentes sítios históricos no Brasil, principalmente nos estados de Rio de Janeiro (Agostini, 1998b; Coelho, 2012; Gaspar, 2012), São Paulo (Bornal, 2008), Goiás (Wust, 2006; Souza, 2000; 2006; Garcia, 2014); Minas Gerais (Paiva, Fagundes, & Borges, 2015), Mato Grosso (Symancki, 2006), Rio Grande do Sul (Jacobus, 1997) e na cidade de Salvador (Najjar & Silva, 2006; Sílvia, 2010). Particularmente, um cachimbo antropomórfico avulta a tese de que as escarificações faciais estavam sendo reproduzidas nestes suportes cerâmicos. O objeto é parte de uma coleção privada, proveniente do estado de Goiás, analisado por Souza e Agostini (2012, p. 106), e, “como pode ser visto, o cachimbo apresenta uma face representada com um número de escarificações faciais” (Figura 5).



Figura 5. Cachimbo antropomórfico com escarificações yoruba (Fonte: Coleção privada de Goiás abordada por Souza & Agostini, 2012, p. 106).

A peça mostra incisões em baixo dos olhos e na bochecha, reproduzidas na parte frontal do forninho do cachimbo. No corpo do porta-boquilha pode ser visto ainda incisões paralelas longitudinais. Caso seja confirmado que a face reproduzida no forninho do objeto é de um(a) africano(a), não restará dúvida sobre o fato das decorações dos cachimbos serem reproduções das escarificações faciais de identidade africana.

Entretanto, não se trata de buscar traços essencialistas para defender argumentos que comprovem resquícios da África no registro arqueológico brasileiro. A presença africana no Brasil desde o século XVI é indiscutível e a atuação dessas pessoas não foi passiva. Uma questão mais desafiadora é entender como as intensas mudanças sociais ocorridas na África, principalmente nos séculos XVIII e XIX, refletiram nas interações dos africanos no Brasil e, conseqüentemente, influenciaram a história social do nosso país, deixando suas marcas no registro arqueológico. A amostra de cachimbos encontrados em Galeão é um suporte interessante para tecer considerações sobre estas questões e pensar a irredutibilidade das identidades africanas nas formas de expressar suas diferenças e coletividades no contexto da diáspora forçada.

AS DECORAÇÕES DOS CACHIMBOS DA COLEÇÃO SÍLVIO CAMPO

Os cachimbos abaulados da coleção Sílvio Campos que apresentam o padrão decorativo inciso e/ou pontilhado compõem motivos de linhas únicas ou paralelas entre duas a cinco linhas sempre na diagonal ou circundando a peça. A partir deste elemento, o motivo pode evoluir para o movimento denominado por Souza (2018, p. 343) como “horizontal”, na forma de zig-zag (“VV”), cruz gamada (“X”) ou relacionando incisões e pontilhados na forma de pontilhados lineares, linhas finalizadas em pontos ou cruz gamada com pontilhado em seus ângulos.

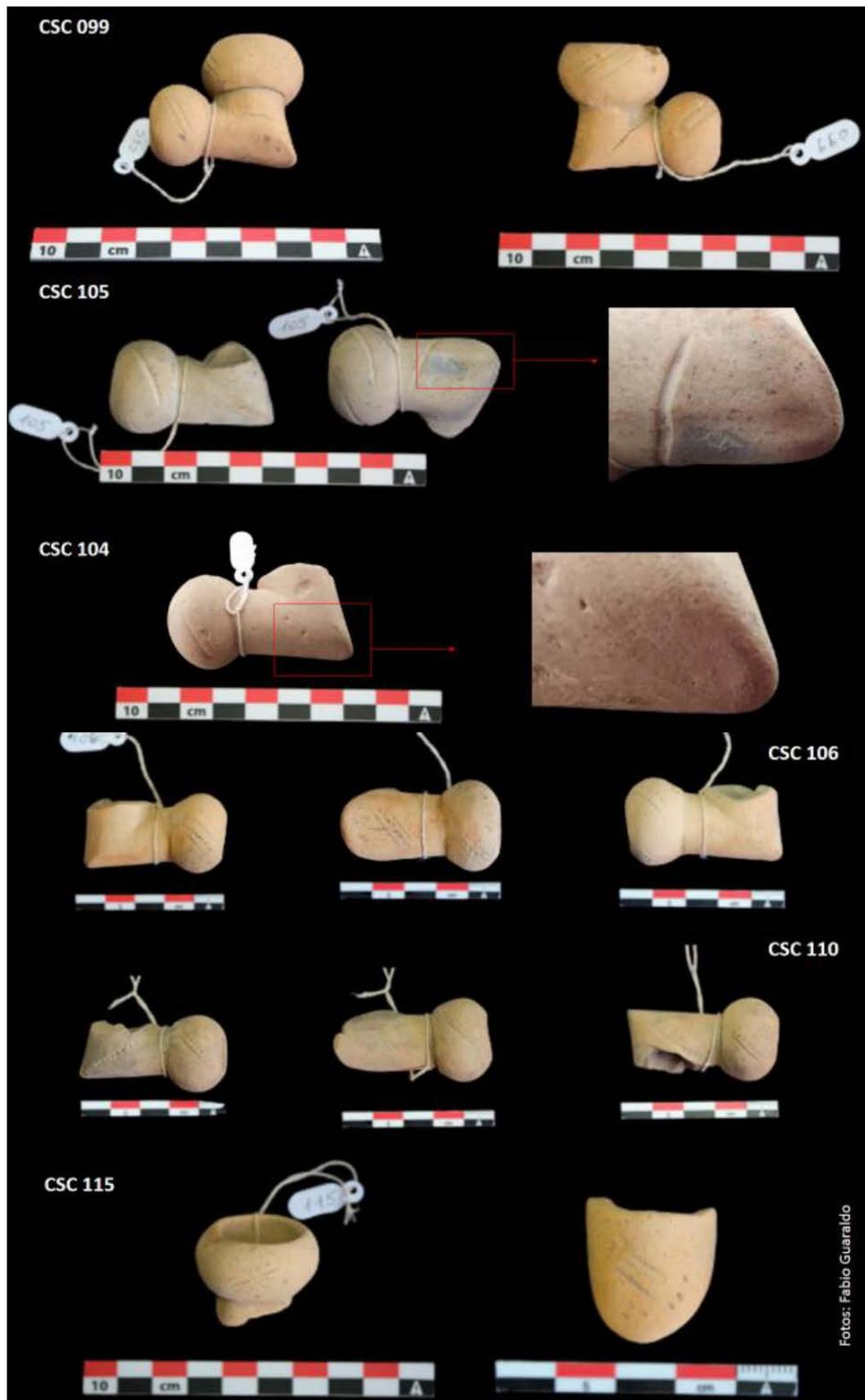
A Tabela a seguir apresenta a descrição das decorações encontradas nos cachimbos da coleção e os respectivos números de proveniências (NPs) das peças. A numeração dos objetos nas Pranchas 1 e 2 correspondente aos NPs grifados na Tabela.

Tabela 1. Descrição das variações dos motivos decorados nos cachimbos abaulados da coleção *Silvio Campos*.

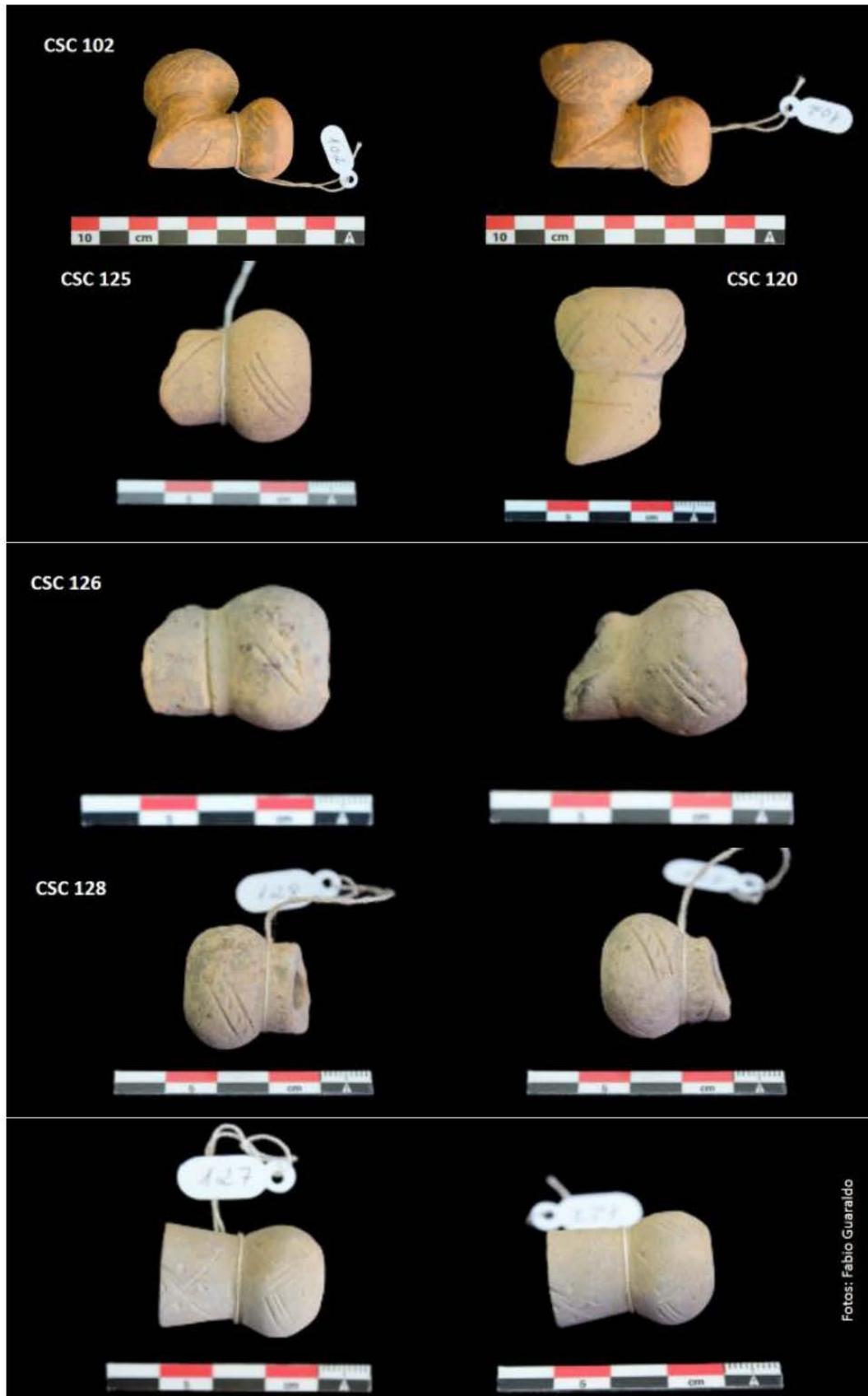
Descrição dos motivos:	Qtdd de peças:	NPs:	Desenho
Um traço inciso	8	CSC100; 101; 103; 105 ; 112; 114; 116; 118	
Duplo inciso paralelo	10	CSC0097; 98; 99 ; 104; 108; 109; 111; 119; 122; 124	
Triplo inciso paralelo	1	CSC0125	
Triplo incisos paralelos formando um zig-zag no porta boquilha	1	CSC0127	
Traços incisos curtos paralelos variando entre um, três ou cinco taços paralelos	1	CSC0102	
Dois triplos incisos paralelos formando um "X" (semelhante a cruz gamada)	1	CSC0115	
Pontilhado linear em cima de um traço inciso	1	CSC0110	
Um traço inciso com um pontilhado linear formando uma segunda linha paralela	-	CSC0110	
Duplo inciso paralelo com pontilhado linear formando uma terceira linha paralela superior	1	CSC0126	
Duplo inciso paralelo com pontilhado linear entre as incisões	4	CSC0106 ; 107; 117; 128	
Triplo inciso paralelo com pontilhados em ambas as pontas de cada incisão	2	CSC0121; 123	
Duplo inciso paralelo em "V" com pontilhado no centro do "V"	1	CSC0120	
Duas incisões cruzadas em forma de cruz gamada ("X"), com quatro pontilhados, um em cada ângulo	-	CSC0127	
Faixa formada por duplo inciso paralelo com pontilhado linear entre as incisões.	-	CSC0120; 128	
TOTAL	31		

Dos 31 cachimbos, apenas cinco são decorados com mais de um motivo. Os outros 26 apresentam apenas um motivo reproduzido em diferentes partes do objeto, seguindo alguns padrões. Normalmente, os motivos aparecem impressos na porção principal do corpo do forninho (conforme pode ser visto no Objeto CSC123 da Prancha 1), na parte inferior do corpo do porta-boquilha (Objetos CSC106 e 102 das Pranchas 1 e 2, respectivamente), repetidas vezes no abaulado do forninho (Objeto CSC099 da Prancha 1 e CSC 120 e 126 da Prancha 2) e também repetidas vezes no abaulado do porta-boquilha (Objetos CSC105, 106 e 110 da Prancha 1). Quando os motivos se repetem duas vezes em cada um dos abaulados, eles estão em porções opostas (direita e esquerda ou frontal e principal). Quando os motivos se repetem três vezes em cada um dos abaulados, eles se distribuem de forma triangular, sem que exista um direcionamento padrão do triângulo. Quando os motivos se repetem quatro vezes em cada um dos abaulados, sua distribuição forma um quadrado.

Prancha 1: Cachimbos abaulados, coleção Sílvio Campos, sítio Malhada, Galeão, Cairu, Bahia.



Prancha 2: Cachimbos abaulados, coleção Sílvia Campos, sítio Malhada, Galeão, Cairu, Bahia.



É nítido em algumas peças o gesto da(o) artesã(o) ao rotacionar o objeto em seu eixo transversal quando imprime os motivos decorativos no bojo do porta-boquilha, ou quando rotacionou a peça no seu eixo longitudinal para reproduzir os motivos nas diferentes porções do bojo do forninho. A posição dos elementos nos motivos decorados na peça CSC110 da Prancha 1 é um exemplo do gesto da(o) artesã(o). Ao reproduzir os motivos pontilhados lineares em cima de um traço inciso no corpo do forninho, a pessoa rotacionou o objeto mantendo seu eixo transversal. Com o movimento, o motivo foi impresso em uma das porções do bojo do porta-boquilha com os pontilhados em cima do traço inciso, e na porção oposta o pontilhado aparece embaixo do traço inciso.

Sobre os cachimbos decorados com mais de um motivo, percebe-se que existem motivos particulares impressos em locais específicos da peça para compor a decoração com outros motivos, sem perda do padrão. Constataram-se três exemplos desses padrões na amostra, que também são recorrentes nos cachimbos encontrados em Cairu, Salvador, e em Goiás. O primeiro deles é o inciso com pontilhado sobreposto, compondo algo semelhante a um motivo fitomórfico, localizado exclusivamente na linha do cotovelo, onde ocorre a junção entre o corpo do forninho e o corpo do porta-boquilha (Objeto CSC110 da Prancha 1). O outro motivo é a faixa formada por duplo inciso paralelo com pontilhado linear entre as incisões, que circunda o corpo do forninho ou o corpo do porta-boquilha, marcando a divisão com os abaulados correspondentes (Objeto CSC128 da Prancha 2). E o terceiro motivo são os triplo ou duplo inciso paralelo formando um zig-zag impresso no porta-boquilha (Objeto CSC127 na Prancha 2) ou no forninho (Objeto CSC120 na Prancha 2).

Alguns motivos decorados, como os traços de incisões paralelas e o motivo zig-zag, que dá continuidade horizontal ao primeiro elemento, são comuns tanto nos cachimbos quanto nos recipientes de cerâmica encontrados em sítios arqueológicos nos estados de Goiás, Mato Grosso (Souza, 2000; 2018; Symanski & Souza, 2007; Souza & Symanski, 2009), Rio de Janeiro (Dias Júnior, 1988) e São Paulo (Agostini, 2010; Morales, 2001). Segundo Souza (2000, p. 51-52), essas decorações são mais frequentes no interior do país, onde havia um mercado local de produção e consumo desses utensílios domésticos independente dos produtos importados. Isso provocou a maior variação na técnica de confecção, na decoração e respectiva utilidade dos materiais para diferenciar as esferas de ação, distribuição e posição social existentes no interior dos domicílios. Estendida aos utensílios domésticos ligados ao ambiente da cozinha, a oposição social deu vazão a formas de expressões ligadas ao universo das mulheres escravizadas, cujas origens se vinculavam a referenciais do continente africano. Assim, os motivos de incisões encontrados nas painéis de cerâmica são relacionados a estéticas provenientes de diversas regiões do oeste da África, de onde originaram a maior parte dos africanos que chegaram ao Brasil Central na condição de escravizados (Souza, 2000; 2018).

Não é um acaso o fato das painéis de barro do interior do país seguirem os mesmos padrões decorativos presentes nos cachimbos abaulados encontrados em sítios arqueológicos desde o litoral da Bahia até o interior do país. Pois, com a abertura das minas das Goiás, uma rota foi criada entre Salvador e a região eurífera. Nessa rota eram comercializados diversos produtos de uso cotidiano, além dos africanos que desembarcavam no litoral brasileiro e eram vendidos como escravos. A região das minas tinha preferência pelos africanos da costa oeste em relação aos do centro-africano. Os colonizadores diziam que os angolanos eram menos propícios ao trabalho nas minas e se matavam facilmente (Verge, 1987). Como neste período Salvador mantinha o monopólio comercial de escravos na Costa das Minas, comercializando fumo produzido no Recôncavo em

troca de pessoas escravizadas, muitos africanos que desembarcaram na capital baiana tiveram como destino o interior do país.

Deste modo, a evidência dessa materialidade africana recorrente tanto em Goiás quanto no litoral da Bahia sugere que ela seja datada desde o século XVIII até a primeira metade do século XIX e que tenha origem nos símbolos relativos às identidades de linhagens familiares do oeste da África. Os cachimbos abaulados, assim como as cerâmicas ordinárias encontradas em Goiás e Mato Grosso, são produtos de confecção local e regional. São objetos feitos por e para o uso dos africanos e seus relativos. Ao considerar a grande quantidade encontrada em Salvador e Cairú, é plausível afirmar que os cachimbos abaulados tornaram-se populares e se disseminaram na região baiana no início do século XIX, sendo adotado seus referenciais africanos como parte da identidade popular baiana.

A realidade da diáspora africana na Bahia, influenciada pelo regime escravocrata, promoveu processos dinâmicos de renovação e reorientação dos critérios de classificação cultural que foram compulsoriamente atribuídos aos diferentes povos com línguas, costumes e origens variadas, criando o que Maria Inês Côrtes de Oliveira define como autoadscrição das identidades desses grupos. O primeiro contato com a nova realidade era de compreensão dos novos nomes e dos conteúdos sociais a que estes se referiam. A língua era um grande facilitador neste processo inicial, sendo um importante fator para a formação do que veio a se denominar “nações africanas”. Posteriormente, já engajados, os próprios grupos foram adquirindo sentido no embate da convivência social, criando suas regras e referências simbólicas, definindo critérios de semelhanças e diferenças, que serviam para reconhecer espaços, alianças e acordos sociais com os demais grupos (Oliveira, 1996).

Apesar de não citar em seu texto, Maria Inês Oliveira dialoga com o termo “herança cultural” desenvolvido pelos antropólogos Sidney Mintz e Richard Price. Segundo estes, a perspectiva de cultura, enquanto comportamento e crenças ligadas por formas institucionais articuladas, não é capaz de explicar “os princípios culturais de nível profundo, pressupostos e compreensões que eram compartilhados” entre os vários sistemas culturais da África Ocidental no contexto da diáspora africana no Caribe. Elaborado para pensar a forma como os africanos e afrodescendentes forjaram uma cultura afro-caribenha, a herança cultural pode ser entendida enquanto valores comuns entre os diferentes grupos étnicos revelados no campo comparativo como elementos de etnicidade. Esses valores ou pressupostos são, então, acionados e assumidos pelos agentes históricos como “princípios gramaticais que fundamentam e dão forma à resposta comportamental” (Mintz & Price, 1976, p. 5 e 7, respectivamente).

Baseado neste modelo cultural, Robert Slene salienta a importância que as sociedades africanas atribuem ao conceito de *linhagem familiar*, isto é, “como um grupo de parentesco que traça sua origem a partir de ancestrais comuns”. Os estudos de história comparativa desenvolvidos principalmente por Willy de Craemer, Jan Vansina e Renée Fox⁹ fornecem a base para Slene sugerir que os povos da África Ocidental escravizados no Brasil articularam uma “gramática do parentesco em comum e estariam dispostos, em situações limites, a mudar a maneira de definir a linhagem antes de abandoná-la como princípio organizador da sociedade” (Slenes, 2011, p. 151, 155).

A forma como essa “gramática” foi escrita e os suportes pelos quais ela foi compartilhada são contribuições que a arqueologia pode fornecer aos estudos da diáspora africana no Brasil. A partir deste referencial teórico,

⁹ Estes autores centram seus argumentos em torno das religiões presentes nas diferentes regiões e grupos étnicos que se estendem desde o norte de Angola e Zâmbia até a República de Gabão e parte dos Camarões – incluindo a República Democrática do Congo (antigo Zaire) e a República do Congo. Seus estudos constataram elementos compartilhados que unem estas regiões mais do que as diferenciam (Craemer *et al.*, 1976).

os cachimbos encontrados no sítio Malhada ajudam a pensar as formas de manifestação e sociabilização das diferentes identidades africanas. Entre a amostra dos cachimbos abaulados modelados, um deles apresenta variação decorativa destacada dos demais, mas sem perder o padrão. A peça CSC127 (na Prancha 2) é a única com duas incisões rasas e longas, cruzadas em forma de “X”, com pontilhados nos quatro ângulos do cruzamento, simbolizando movimento e simetria. O motivo em “X” está localizado na parte inferior do corpo do porta-boquilha, associado ao motivo de triplos incisos paralelos formando zig-zag no abaulado do porta-boquilha.

A representação de cruz ou de asterisco, ambos incisos em suportes cerâmicos, são encontradas em diferentes partes do continente africano, desde a região Oeste (DeCorse, 1999), ao Leste (Pikirayi, 1993), a região central e a atual Angola (Thompson, 1983; Ferguson, 1992). No contexto diaspórico dos africanos nas Américas, a insígnia de uma cruz dentro de um círculo tem sido associada ao cosmograma bacongo por diversos arqueólogos que trabalham com o tema (Ferguson, 1992, p. 110-116; Symanski, 2007, p. 21; Symanski & Souza, 2007, p. 228-229; Young, 1997, p. 22; Wilkie, 2000, p. 20-21)¹⁰. Na cosmologia bacongo descrita por Thompson (1983, p. 109), o círculo dividido em quatro partes carrega círculos menores na extremidade de cada eixo, representando os quatro movimentos do sol. O círculo em volta da cruz representa o movimento cíclico entre a vida e a morte (reencarnação), no qual a divindade suprema *Nzambi Mpungu* está representada no topo; o mundo dos mortos, *Kalunga*, na base; e a água, na divisão entre os dois mundos.

No Brasil, estudos desenvolvidos por Symanski na Chapada dos Guimarães revelaram vasilhas cerâmicas contendo apliques com esse signo. Especificamente no sítio Engenho Rio da Casca, um cachimbo decorado com incisões em “X” foi encontrado enterrado sob o piso da Casa grande, apontando para uma subversão do espaço do senhor pelas práticas de magia do sistema de crenças dos escravizados. O contexto arqueológico datado da primeira metade do século XIX corresponde ao período no qual os congoleses se tornavam majoritários entre o grupo de africanos na região (Symanski, 2007, p. 21-25). No baixo sul, a rota comercial com a região de Angola permaneceu ativa desde o século XVII. Navios negreiros provenientes dessa região aportavam em Tinharé, provavelmente em Galeão, antes de chegarem ao porto de Salvador, “e ali faziam comércio clandestino, vendendo artigos da carga que transportavam” (Campos, 1981, p. 117).

Certamente, o povoado colonial de Galeão cresceu com a população da região de Angola, na qual os bacongos devem ter sido uma parcela significativa. Apesar de não ser único e homogêneo, os referenciais da presença bantu na formação da identidade da população de Galeão já eram conhecidos tanto pelos documentos históricos quanto pelas tradicionais manifestações culturais – como é o caso da *Zambiapunga*, principal festa difundida no baixo sul (também conhecida como *caretas*)¹¹ – e agora podem ser reconhecidas pelos materiais arqueológicos. Ainda que a decoração no fragmento do cachimbo não apresente a circunferência no entorno da cruz e os círculos menores na extremidade dos eixos, todos os elementos do cosmograma bacongo estão presentes, com os dois eixos cruzados, os círculos representados pelos pontos simétricos e o movimento cíclico da crença entre os dois mundos: dos vivos e dos mortos.

A partir das pesquisas desenvolvidas no oeste do país e, posteriormente, confirmado também em contextos do Brasil central (Souza, 2018), Souza & Symanski (2009) assinalam que decorações incisivas em

¹⁰ Os bacongo (ou bakongo) estão localizados na parte norte do território angolano até a República Democrática do Congo e no Congo Brazzaville, onde foi formado o Reino do Congo, posteriormente colonizado pelos Portugueses no século XVII (Pereira, 2013).

¹¹ Para saber mais da *Zambiapunga*, ver Carvalho, 2020.

suportes cerâmicos seguem critérios aditivos, isto é, diferenciam-se pelo acréscimo de novos elementos, sem que os anteriores sejam invalidados. A decoração presente nos cachimbos da coleção Sílvia Campos obedece a essa lógica estruturada em regras comuns que seguem a necessidade de estabelecer relações entre as pessoas envolvidas na produção, circulação e uso desses objetos (Souza 2018, p. 357).

O significado dos motivos usados para decorar os cachimbos são ambíguos e carregados de múltiplos significados. A variabilidade simbólica envolvendo formas e técnicas simples de reprodução é uma eficiente estratégia de difusão e persistência de identidades, pela fácil capacidade de dissimulação e assimilação. Expressões de diferenças sociais, de gênero, origem e realidade africana são divulgadas pelos cachimbos entre as pessoas que compartilham dessa estrutura simbólica. A regra aditiva que estrutura a lógica decorativa dos objetos africanos em contexto diaspórico revela a capacidade de integrar as diferenças em um todo coerente, que extrapola a materialidade e se revela como estratégia valiosa na construção de novas realidades sociais desses povos no novo mundo (Souza, 2018, p. 357).

APONTAMENTOS FINAIS

As evidências sugerem que os cachimbos modelados do tipo abaulado encontrados do litoral bahiano até Goiás serviram como suportes de padrões decorativos apropriados pela população africana pela necessidade de criar novas referências de grupo (Souza & Agostini, 2012, p. 111). Os elementos decorativos desses suportes funcionaram como conjunto inclusivo de símbolos “gramaticais” compartilhados (Slenes, 2011), formando uma linguagem de socialização na construção de identidades.

Como estratégia de resistência e permanência, os africanos que viveram na Bahia, provenientes da região da Nigéria, do Benin e mesmo da Angola e Reino do Congo, recontextualizaram velhos símbolos em novos suportes, acrescentando antigas referências e criando novas alianças para lidar com a realidade social que se impunha (Souza & Lima, 2016, p. 46). Ainda que a população nagô estivesse articulada na primeira metade do século XIX, liderando levantes e rebeliões contra a classe hegemônica da época, a presença dos africanos da região de Angola não foi menos legítima e se fez presente também na cultura material.

Outra questão que merece destaque sobre a decoração dos cachimbos é a sutileza e discrição simbólica. Distintas das características estéticas opulentas da grande parte das sociedades africanas, as decorações produzidas nos cachimbos africanos abaulados encontrados no sítio Malhada expressam uma inovação coberta por um comportamento prudente e dissimulado, quase silenciosa, mas capaz de engendrar referenciais que os diferenciavam em uma sociedade com desigualdades profundas, em que os africanos eram o lado menos favorecido (Souza & Lima, 2016, p. 46). Talvez, por isso, esta materialidade carregada de simbologia passou a ser referência de oposição e resistência para a elite branca proprietária de escravos, adotada tanto pelos africanos e seus descendentes escravizados e forros quanto pelas demais camadas populares de famílias livres, pobres e oprimidas.

O potencial arqueológico do sítio Malhada e das demais realidades presentes na comunidade quilombola de Galeão é fabuloso para pensar a agência dos africanos no Brasil. Muito ainda há por fazer, entretanto não resta dúvida de que, pelo menos a partir do século XVIII, a população do sítio Malhada era formada por africanos e afrodescendentes que compartilhavam interesses e referências simbólicas forjando identidades próprias na realidade da diáspora. Os registros arqueológicos sugerem que eles se reuniam em momentos de

lazer ou no trabalho para compartilhar experiências, reforçar os laços de camaradagem e confabular estratégias de resistência enquanto pitavam seus cachimbos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à comunidade de Galeão, na figura de Dona Almerinda, e a todas as anciãs quilombolas, por terem aceitado e acolhido meu trabalho. Agradeço também a parceria estabelecida com Sílvio Campos e aos colegas do LINTT e a Sarah Hissa, por terem conhecido a coleção de cachimbos e me incentivado a escrever o artigo. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

REFERÊNCIAS

- Agbe-Davies, A. S. (2010). Concepts of community in the pursuit of an inclusive archaeology. *International Journal of Heritage Studies*, 16(6), 373–389.
- Agostini, C. (1997). *Cachimbos de escravos e a reconstrução de identidades africanas no Rio de Janeiro, século XIX*. Rio de Janeiro: Monografia apresentada na obtenção do Bacharelado em Arqueologia da Universidade Estácio de Sá.
- Agostini, C. (1998). Resistência cultural e reconstrução de identidades: um olhar sobre a cultura material de escravos do século XIX. *Revista de História Regional, UEPG*, 3, 115-137.
- Agostini, C. (2010). Pannels e Paneleiras de São Sebastião: Um núcleo produtor e a dinâmica social e simbólica de sua produção nos séculos XIX e XX. *Vestígios - Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica*, 4, 127-144.
- Alencastro, L. F. (2000). *O Tratado dos Viventes. Formação do Brasil no Atlântico Sul*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Barata, F. (1944). Arte indígena amazônica: os maravilhosos cachimbos de Santarem. *Revista de Estudos Brasileiros*, 7, 270-293.
- Barata, F. (1951). A arte oleira dos Tapajó II. Os cachimbos de Santarém. *Revista do Museu Paulista, Nova série*, 183-198.
- Barickman, B. J. (2003). *Um contraponto baiano. Açúcar, fumo, mandioca e escravidão no Recôncavo, 1780-1860*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Barros, E. L. (2010). *Cacimbo da Sé de Salvador*. Cachoeira: Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Museologia, Centro de Artes, Humanidades e Letras, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Museologia.
- Becker, Í. I., & Schmitz, P. I. (1969). Cachimbos do Rio Grande do Sul. *Pesquisas, Antropologia. Anais do 30. Simpósio de Arqueologia da Área do Prata.*, 20, 139-162.
- Bornal, W. G. (2008). *Sítio Histórico São Francisco - Um estudo de Arqueologia da Paisagem*. São Paulo: Tese de doutorado. Programa de Pós-graduação em arqueologia. Museu de Arqueologia e Etnologia da USP.
- Bradley, J., & Deangelo, G. (1981). European clay pipe marks form 17th century Onondaga Iroquois sites. *Archaeology of Eastern North America* ., 109-133.

- Campos, J. S. (1981 [1937]). *Crônica da capitania de São Jorge dos Ilhéus*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura.
- Carvalho, C. A. (2020). *Caretas e zambiapungas: a influência centro-africana na cultura do Baixo Sul (BA) e a história da região*. São Paulo: Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História Social do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP para obtenção do título de Mestre em História Social.
- Coelho, F. A. (2012). *A Negra Fumaça: uma análise dos cachimbos do sítio arqueológico Macacu IV - Itaboraí, RJ*. Rio de Janeiro: Dissertação de mestrado do Programa de Pós-graduação em Arqueologia. Museu Nacional. Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- DeCorse, C. R. (1999). Oceans Apart: Africanist Perspectives on Diaspora Archaeology. Em T. Singleton (ed.), *"I, too, am America"*. *Archaeological studies of African-American life* (pp. 132-158). Virginia: The University Press of Virginia.
- Dias Júnior, O. F. (1988). A Cerâmica Neo-brasileira. *Arqueo-IAB*, pp. 3-17.
- Dias, M. H. (2007). *Economia, Sociedade e Paisagens da Capitania e Comarca de Ilhéus no Período Colonial*. Niterói: Tese de doutorado em História. Universidade Federal Fluminense. Fonte: https://www.historia.uff.br/stricto/teses/Tese-2007_DIAS_Marcelo_Henrique-S.pdf
- Dias, M. H. (2016a). A Capitania de São Jorge dos Ilhéus: economia e administração. Em M. H. Dias, & Â. A. Carrara, *Um lugar na História: a Capitania e Comarca de Ilhéus antes do cacau*. (pp. 47-116). Ilhéus: Editus. Fonte: http://www.uesc.br/editora/livrosdigitais2/um_lugar_na_historia_digital.pdf
- Ferguson, L. (1992). *Uncommon Ground. Archaeology and Early African America, 1650-1800*. Washington: Smithsonian Institution Press.
- Garcia, J. (2014). *Análise dos atributos decorativos da coleção Ordener Ferreira*. Goiás: Trabalho de conclusão no curso de bacharelado em Arqueologia. Pontifício Universidade Católica de Goiás.
- Gaspar de Oliveira, M. D. (2012). Arqueologia, Cultura Material e Patrimônio. Sambaquis e cachimbos. *Cultura Material e Patrimônio de C&T*, 39-52.
- Guaraldo Almeida, F. (2018b). A dinâmica da paisagem quilombola a partir dos sítios históricos e relações dos afrodescendentes da comunidade de Galeão, na ilha de Tinharé, Bahia: uma abordagem interdisciplinar entre arqueologia, história e etnografia. *Especiaria - Caderno de Ciências Humanas*, 18, 39-67. Fonte: <https://periodicos.uesc.br/index.php/especiaria/article/view/2580>
- Guaraldo Almeida, F., & Campos, S. (2020). Fontes d'água: sítios históricos para pensar sobre o processo de formação do atual núcleo de moradia da comunidade quilombola de Galeão, Cairu (BA). *Brasiliana: Journal for Brazilian Studies*, 9(2).
- Guaraldo Almeida, F., Pedrosa, M. B., & Campos, S. (2020). Arqueologia, comunidade, ancestralidade e outros assuntos para pensar a identidade quilombola. *Revista do Museu Arqueologia e Etnologia da USP*, 34, 194-205.
- Guidon, N. (2004). *Arqueologia da região do Parque Nacional Serra da Capivara*. Rio de Janeiro: Centro Cultural Banco do Brasil.
- Handler, J. (2008). Aspects of the Atlantic Slave Trade: Smoking Pipes, Tobacco, and the Middle Passage. *African Diaspora Archaeology Newsletter*, 11, 1-12.
- Hissa, S. d. (2018). *O petyn no cachimbo branco: arqueologia e fumo nos séculos XVII ao XIX*. Rio de Janeiro: Tese (Doutorado em Arqueologia), Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Hissa, S. d., & Lima, T. A. (2017). Cachimbos europeus de cerâmica branca, séculos XVI ao XIX: parâmetros básicos para análise arqueológica. *Anais do Museu Paulista: História, cultura e material*, 25, 225-268.
- Jaboatam, A. d. (1858-62 [1761]). *Novo orbe seráfico brasilico ou Chronica dos frades Menores da provincia do Brasil* (Vol. 1). Rio de Janeiro: Typ. brasiliense de M. Gomes Ribeiro.

- Jacobus, A. L. (1997). *Resgate arqueológico e histórico do registro de Viamão (Guarda Velha, Santo Antônio da Patrulha-RS)*. Porto Alegre: Dissertação de mestrado. PUC-RS.
- Lima, T. A., Bruno, M. C., & Fonseca, M. P. (1993). Sistema do Modo de Vida Burguesa no Vale do Paraíba, Séc. XIX. Fazenda São Fernando, Vassouras, RJ. Exploração arqueológica e museológica. *Anais do Museu Paulista*, 179-206.
- Mintz, S., & Price, R. (1976). An Anthropological Approach to the Afro-American Past: a Caribbean Perspective. *ISHI Occasional Papers in Social Change*, 1-20.
- Morales, W. F. (1999). Os cachimbos cerâmicos do MAE/USP: apresentação de uma coleção. *Revista do MAE/USP*, 9, 207-221.
- Morales, W. F. (2001). A cerâmica “neobrasileira” nas terras paulistas: um estudo sobre as possibilidades de identificação cultural através dos vestígios materiais na vila de Jundiá do século XVIII. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, 11, 165-188.
- Mori, V. H., Lemos, C. A., & Castro, A. H. (2016). *Arquitetura Militar: um panorama histórico a partir do Porto de Santos*. São Paulo: Câmara Brasileira do Livro.
- Munanga, K. (2004). Uma Abordagem Conceitual das Noções de Raça, Racismo Identidade e Etnia. *Programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira*, S.I: s.n.
- Najjar, R. P., & Silva, R. C. (2006). *Relatório Parcial do Projeto de Prospecções Arqueológicas na Área da 7ª Etapa do Projeto Pelourinho*. Rio de Janeiro: Manuscript, IPHAN/ Monumenta.
- Ojo, O. (2008). Beyond diversity: women, scarification, and yoruba identity. *History in Africa*, 35, 347-374.
- Oliveira, M. I. (Dezembro/ fevereiro de 1996). Viver e morrer no meio dos seus. nações e comunidades africanas na Bahia do século XIX. *Revista USP: O povo Negro*, 174-193.
- Orser Jr, C. E. (2005). O desafio da raça para a arqueologia histórica americana. Em P. P. Funari, C. E. Orser Jr, & S. N. Schiavetto, *Identidade, discurso e poder: estudos da arqueologia contemporânea* (pp. 59-76). São Paulo: Annablume.
- Paiva, Z. C. (2015). "Uma baforada sim sinhô": Cachimbos cerâmicos e as dinâmicas socioculturais da Diamantina oitocentista. Terezina: Dissertação de mestrado. Programa de Pós-graduação em Arqueologia. Universidade Federal do Piauí.
- Paiva, Z. C., Fagundes, M., & Borges, J. F. (2015). "Uma Baforada Sim Sinhô": Cachimbos de escravos para se entender as dinâmicas socioculturais da Diamantina oitocentista. *Revista Tarairiú*, 1, 165-186.
- Pereira, L. N. (2013). Religião e parentesco entre os bakongos de Luanda. *Afro-Ásia*, 11- 41.
- Pikirayi, I. (1993). *The archaeological identity of the Mutapa State*. Uppsala, Sweden: Uppsala University.
- Reis, J. J. (2012 (1986)). *Rebelião Escrava no Brasil. A história do levante dos Malês em 1835* (3ª ed.). São Paulo: Companhia das Letras.
- Santos, S. A. (2016). *Nos terrenos arenosos e no infame comércio: os desdobramentos do fim do tráfico transatlântico em Valença (Bahia, 1831-1866)*. Niterói: Dissertação de Mestrado em História. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. Universidade Federal Fluminense.
- Schwartz, S. B. (1988). *Segredos Internos: engenhos e escravos na sociedade colonial (1550-1835)*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Silvia, C. C. (2010). Um passado através do lixo. Em R. Najjar (Org.), *Arqueologia do Pelourinho* (pp. 263-264). Brasília, DF: Iphan / Programa Monumenta.
- Slenes, R. W. (2011). *Na senzala, uma flor: Esperanças e recordações na formação da família escrava: Brasil, Sudeste, séc XIX* (2ª corrigida ed.). Campinas: Editora da Unicamp.

- Soares, A. M., & Aquino, C. d. (2004). Cachimbo cerâmicos do sítio Aldeia do Carlos – Parque Nacional da Serra da Capivara – Piauí – Brasil. *Revista Clio – Série Arqueológica*, 9-30.
- Souza, M. A. (2000). *Ouro Fino. Arqueologia histórica de um arraial de mineração*. Goiânia: Dissertação de Mestrado. Programa de mestrado em História das Sociedades Agrárias. Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia. Universidade Federal de Goiás.
- Souza, M. A. (2006). *Projeto "Uma arqueologia da escravidão em Goiás". Primeiro relatório de atividades*. Goiânia: Instituto Goiano de Pré-história e Antropologia. Universidade Católica de Goiás.
- Souza, M. A. (2018). Pequenos céus e outros mundos: uma arqueologia dos encontros coloniais em um dos limites da América portuguesa. Em B. Marín-Aguilera (Org.), *Repensar el colonialismo* (pp. 337-370). Madrid: JAS.
- Souza, M. A., & Agostini, C. (2012). Body Marks, Pots and Pipes: some correlations in between african scarifications and pottery decoration in eighteenth and nineteenth-century Brazil. *Historical Archaeology*, 46, 102-123.
- Souza, M. A., & Lima, T. A. (2016). Hibridismo e inovação em cerâmicas coloniais do Rio de Janeiro, séculos XVII e XVIII. *Urbania. Revista Latinoamericana de Arqueología e historia de las ciudades*, 21-60.
- Souza, M. A., & Symanski, L. C. (2009). Slave communities and pottery variability in Western Brazil: The plantations of Chapada dos Guimarães. *International Journal of Historical Archaeology*, 13, 513-548.
- Symanski, L. C. (2006). *Slaves and planters in Western Brazil: material culture, identity and power*. Gainesville: Tese em Antropologia. University of Florida.
- Symanski, L. C., & Gomes, D. M. (2012). Mundos mesclados, espaços segregados: cultura material, mestiçagem e segmentação no sítio Aldeia em Santarém (PA). *Anais do Museu Paulista*, 20, 53-90.
- Symanski, L. C., & Souza, M. A. (2007). O registro arqueológico dos grupos escravos: questões de visibilidade e preservação. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Patrimônio Arqueológico: o desafio da preservação*, 215-243.
- Thompson, R. F. (1983). *Flash of the spirit. African and Afro-American art and philosophy*. New York: Random House.
- Verge, P. (1987). *Fluxo e refluxo do tráfico de escravos entre o Golfo do Benin e a Bahia de Todos os Santos. Dos séculos XVII a XIX*. São Paulo: Corrupio.
- Vilhena, L. d. (1969). *A Bahia no Século XVIII*. Salvador: Editora Itapuã.
- Wilkie, L. A. (2000). Culture Bought: Evidence of Creolization in the Consumer Goods of an Enslaved Bahamian Family. *Historical Archaeology*, 34(3), 10-26.
- Wust, I. (2006). *Projeto a Arqueologia da Casa de Fundação do Ouro da Cidade de Goiás. Relatório 2 de atividades*. Pirinópolis: Manuscript, IPHAN.
- Young, A. L. (1997). Risk Management Strategies among African-American Slaves at Locust Grove Plantation. *International Journal of Historical Archaeology*, 1(1), 3-29.